



26 DE SETEMBRO DE 2018

Quarta-feira

- GRAÇAS AO SETOR DE SERVIÇOS, PARANÁ É TERCEIRO ESTADO QUE MAIS EMPREGOU JOVENS NESTE ANO
- EMPRESÁRIOS E GOVERNO TENTAM AMPLIAR PAUTA DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL
- DEMANDA GLOBAL AFLIGE SETOR DE BENS DE CAPITAL
- CONFIANÇA DO COMÉRCIO RECUA 1,2 PONTO EM SETEMBRO ANTE AGOSTO, REVELA FGV
- CONFIANÇA DO INDUSTRIAL DO SETOR ELETROELETRÔNICO RECUA EM SETEMBRO, DIZ ABINEE
- FATURAMENTO DA INDÚSTRIA DE MÁQUINAS SOBE 11,9% EM AGOSTO, DIZ ABIMAQ
- DECRETO PERMITE TERCEIRIZAR PRINCIPAIS ATIVIDADES DE ESTATAIS, DIZ ANAMATRA
- MAIORIA DOS ESTADOS APOIA REFORMA TRIBUTÁRIA, DIZ BERNARD APPY
- 'CÂMBIO INDUSTRIALIZANTE' ELEVA EXPORTAÇÕES, DIZ ABIMAQ
- APÓS QUATRO QUEDAS SEGUIDAS, JUROS DO CARTÃO ROTATIVO VOLTAM A SUBIR
- TRABALHADORES TÊM SEGUNDO MÊS SEM REAJUSTE REAL
- GOODYEAR FORNECE PNEUS PARA O AUDI E-TRON
- BALANÇA DE AUTOPEÇAS ACUMULA DÉFICIT DE US\$ 4,5 BILHÕES
- IVECO OFERECE LINHA DE CRÉDITO DO BNDES FOCADA EM PRODUTOR RURAL MÉDIO
- AUTOMAÇÃO DE VEÍCULOS COMERCIAIS AVANÇA NO IAA 2018
- LOGIGO TERÁ SISTEMA MULTIMÍDIA COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO BRASIL
- DUCATI AGILIZA ENTREGA DE PEÇAS EM 80% NO BRASIL

- **RANDON CONTRATA NOVO CFO PARA REFORÇAR GOVERNANÇA CORPORATIVA**

CÂMBIO		
EM 26/09/2018		
	Compra	Venda
Dólar	4,038	4,038
Euro	4,747	4,749

Fonte: BACEN

Graças ao setor de serviços, Paraná é terceiro estado que mais empregou jovens neste ano

26/09/2018 – Fonte: Bem Paraná (publicado em 25-09-2018)

Com a criação de 44.261 vagas com carteira assinada para a população de 18 a 24 anos, o Paraná foi o terceiro estado brasileiro e o primeiro na região Sul que mais empregou jovens neste ano.

O saldo de vagas se refere ao acumulado de janeiro a agosto de 2018. Os dados são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho, e foram compilados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes).

A participação dos jovens trabalhando com carteira assinada no Estado corresponde a 7,9% do total do País, que criou 563.428 postos de trabalho para essa faixa etária no período. O Paraná fica atrás apenas de São Paulo, que empregou 180.706 pessoas de 18 a 24 anos, e de Minas Gerais, que criou 70.096 vagas para jovens. O Estado está à frente do Rio de Janeiro (33.005), do Rio Grande do Sul (31.513) e de Santa Catarina (28.579).

O diretor-presidente do Ipardes, Julio Suzuki Júnior, afirmou que o mercado de trabalho paranaense tem melhorado como um todo, o que reflete na maior contratação de jovens. “Essa recuperação mostra a retomada do emprego após um período marcado por uma severa crise nacional que levou à contração do mercado de trabalho e, consequentemente, afetou a situação dos jovens”, disse.

Suzuki acrescenta que com a recuperação econômica mais rápida no Paraná, percebe-se a retomada da geração de empregos para os jovens, um estrato social marcado pelas taxas de desemprego mais altas. “Portanto, é um resultado bastante positivo”, salientou.

MUNICÍPIOS – Curitiba liderou a criação de empregos para a juventude, com 12.479 vagas ocupadas por essa população, ou 28,2% do total do Estado. Na sequência estão Maringá (2.672), Londrina (1.995), Cascavel (1.960), São José dos Pinhais (1.837) e Ponta Grossa (1.369). Os demais municípios paranaenses somam 21.949 vagas, 49,6% dos empregos criados para essa faixa etária.

“O Paraná apresenta um processo de geração de empregos bastante abrangente, incluindo tantos os espaços metropolitanos, como também o Interior. É um processo bastante equilibrado que gera muitos benefícios sociais”, explica Julio Suzuki.

SETORES – Quase metade das vagas ocupadas pela juventude são do setor de Serviços, que responde por 47,6% dos empregos com carteira assinada para a população de 18 a 24 anos, um saldo de 21.060 vagas. O setor é seguido pela Indústria, que empregou 12.698 jovens (28,7%) no período. No Comércio foram 7.215 vagas (16,3%); na Construção Civil 2.269 (5,1%) e a Agropecuária respondeu por 1.019 vagas (2,3%).

Empresários e governo tentam ampliar pauta de exportação do Brasil

26/09/2018 – Fonte: Agencia Brasil

De janeiro a agosto a soja respondeu por 33% do valor exportado



De janeiro a agosto deste ano, as vendas dos não industrializados lideraram a arrecadação do Brasil com exportações

A pauta de exportações brasileira é conhecida pela predominância dos chamados produtos básicos. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), de janeiro a agosto deste ano, as vendas dos não industrializados lideraram a arrecadação do Brasil com exportações.

Já os industrializados, cuja fabricação exige tecnologia, alcançaram patamares bem menores. A equação não é considerada saudável por economistas, pois a balança comercial do país fica refém do vaivém da cotação internacional dos produtos básicos, também conhecidos como commodities.

Os dados do ministério apontam que de janeiro a agosto a soja respondeu por 33% do valor exportado, seguida pelos óleos brutos de petróleo, com 19,56%, e pelo minério de ferro, com 15,96%. Enquanto isso, itens manufaturados tiveram presença bem menor, como os automóveis de passageiros, que no mesmo período responderam por 6,71% das vendas externas.

Produtos de valor agregado da indústria de bebidas e alimentos geraram ainda menos receita. Para citar alguns exemplos, do início de 2018 até agosto, os refrigerantes e outras bebidas não alcoólicas, a margarina e o vinho de uvas, responderam, cada um, por 0,01% do valor total exportado pelo Brasil.

Há um esforço no sentido de mudar essa realidade. A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) atua através do Programa de Capacitação para Exportação (PEIEX) capacitando empresários – muitos de pequenas indústrias – para exportar seus produtos de maior valor agregado.

Além disso, articula o contato com clientes em potencial, como está ocorrendo esta semana durante a LAC Flavors - feira de bebidas e alimentos promovida no Chile pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Uma missão organizada pela Apex levou 62 empresários brasileiros para participar de rodadas de negócios e expor seus produtos no evento.

Biotecnologia

Entre os participantes interessados em fazer seu produto ir além das fronteiras nacionais está a bióloga Fernanda Matias, dona da startup de biotecnologia Meltech. Nascida em Mossoró, Rio Grande do Norte, a empresa produz hidromel (uma espécie de vinho de mel) e kombucha, um probiótico (produto com microrganismos vivos) que, além do sabor, traz benefícios à saúde. “É um refrigerante natural”, diz Fernanda, cuja ideia para criar a empresa veio da situação de sua região.

“A região é muito rica em alguns produtos, e um deles é o próprio mel. Mas, há alguns anos, caiu muito a produção por falta de chuvas. As abelhas começaram a morrer e as famílias começaram a ficar sem dinheiro.

Como faltam políticas públicas na região, o pessoal não sabia fazer o manejo [para continuar extraíndo mel]. Pensei em começar a trabalhar com um produto de valor agregado, para essas famílias voltarem a produzir”, explica a bióloga, que tem doutorado em biotecnologia.

Segundo Fernanda, também houve a iniciativa de uma professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), que passou a oferecer cursos aos produtores. “A gente acabou se juntando. Ela soube de mim e eu soube dela”, conta. Agora, Fernanda prepara-se para a inserção concomitante dos seus produtos no mercado nacional e internacional. De acordo com ela, a empresa já nasceu de olho na possibilidade de exportação. A bióloga acredita que as bebidas farão sucesso no exterior.

“Nossos produtos têm características únicas. A vida útil do nosso kombucha é 12 meses, enquanto do comum são três. Patentamos a fórmula. Falta patentear a do hidromel. Vamos começar tudo junto, mercado interno e externo. Quando a empresa ainda estava sendo incubada, há dois anos, eu já participava do PEIEX”, conta, referindo-se à capacitação para exportadores da Apex. Segundo ela, após a LAC Flavors, a empresa está em negociação com quatro países: Argentina, República Tcheca, Costa Rica e Reino Unido.

Cachaça

Com outro produto típico brasileiro, a cachaça, o empresário Ademilson Tápparo, dono do Dom Tápparo Engenho, em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, também busca inserção no mercado internacional.

O engenho, uma empresa familiar há 40 anos no mercado, sempre vendeu sua produção no âmbito regional. Mas, recentemente, Ademilson firmou parcerias para garantir a presença em grandes supermercados e, agora, espera que os estrangeiros se encantem por cachaças como a Cabaré e a Dom Tápparo. O industrial também fabrica licores coquetéis.

“O custo-benefício para a exportação é melhor. O imposto que a gente paga para vender internamente, no Brasil, é bem maior. A degustação que a gente fez [durante a LAC Flavors] teve boa aceitação”, afirma o empresário, que viajou com a esposa, Agueda Tápparo. Segundo Ademilson, Chile, Costa Rica, Austrália, República Tcheca, Panamá, Alemanha, Equador e Paraguai estão entre os países que demonstraram interesse nos produtos.

Valor agregado

Segundo Márcia Nejaim, diretora de Negócios da Apex, apesar de os produtos básicos ainda serem o destaque da pauta de exportações brasileiras, o país tem conseguido ocupar espaços com seus produtos industrializados. “Se você olhar a pauta para a Argentina, é muito valor agregado. Para os Estados Unidos também. É verdade que o Brasil é um dos países mais competitivos no agronegócio. Mas é importante investir também nas empresas com manufaturados, tecnologia.”

O chefe da Divisão de Comércio e Investimento do BID, Fabrizio Opertti, que visitou a LAC Flavors, defendeu que os países agreguem valor a produtos e serviços que já fazem parte de sua cultura e particularidades, e citou o caso do Brasil. "É preciso agregar valor às nossas vantagens comparativas. Um país como o Brasil é uma superpotência de alimentos", declarou.

Demanda global aflige setor de bens de capital

26/09/2018 – Fonte: DCI

Desempenho positivo é puxado por exportações, mas perspectiva de queda da procura externa torna recuperação do mercado interno essencial para fabricantes de máquinas e equipamentos

A indústria de máquinas e equipamentos cresce graças às exportações, mas demonstra preocupação com a perspectiva de queda da demanda global, tornando urgente a recuperação do mercado interno.

"Anteriormente, a desvalorização do real compensou a queda do mercado interno, favorecendo as exportações. Porém, a tendência é que não tenhamos a demanda externa tão aquecida como em 2017 e 2018. O mercado mundial tende a cair e é fundamental que o País volte a crescer", avalia o diretor de competitividade da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Mario Bernardini.

Em agosto, o mercado total teve alta de 11,9% na receita em relação a igual período do ano passado. De acordo com a entidade, contribuiu para o crescimento o forte aumento das exportações, que tiveram incremento de 68,5% em relação a julho e 41,6% sobre agosto de 2017.

"As empresas que exportam estão se saindo bem, o mercado interno não cresce. O dólar está mais favorável e a indústria se torna mais competitiva", explica presidente do conselho administrativo da Abimaq, João Carlos Marchesan.

Os segmentos que tiveram destaque nas vendas externas foram máquinas para petróleo e energia renovável, para bens de consumo e infraestrutura e indústria de base.

"Devido a uma grande venda de equipamento para tratamento térmico para a Argentina, as exportações voltaram a ter desempenho positivo para América Latina e Mercosul no acumulado do ano", conta o economista da Abimaq, Maurício Medeiros, que ressalta que a situação econômica do país vizinho segue preocupando.

O presidente executivo da Abimaq, José Velloso, destaca os resultados da campanha da entidade para facilitar a exportação para pequenas e médias empresas. "Temos o programa Esforço Exportador, que é um trabalho para abrir mercados e auxiliar empresas desse perfil. Há dez anos, apenas 200 empresas associadas à Abimaq exportavam, agora são quase 850, mais da metade."

Velloso acredita que é necessário criar uma cultura de exportação no País. "Mesmo o agronegócio enfrenta gargalos de infraestrutura, logística e câmbio que dificultam os embarques. Imagina como é para os outros setores?"

Câmbio e eleições

Para Bernardini, embora a incerteza política causada pelas eleições influencie nas variações cambiais mais abruptas, a atual desvalorização do real ante o dólar tem mais influência externa. "A curva do real acompanha a de moedas de outros países emergentes, influenciada pela disputa comercial entre Estados Unidos e China. A

questão política causa especulações na ponta, mas depois há reajuste. Hoje o patamar é de R\$ 4, qualquer variação acima ou abaixo tende a ser corrigida.”

Marchesan também não acredita que o resultado das eleições possa trazer grandes alterações ao atual patamar cambial. “Passamos por um período de instabilidade, devido à situação fiscal e política do Brasil, mas também pelo mau humor no mercado, causado por essa disputa entre China e EUA. Mas não devemos ver turbulências maiores a partir de agora, seja qual for o candidato vencedor das eleições presidenciais.”

A entidade evitou fazer qualquer projeção de crescimento para 2019. “Até aqui, acumulamos 5,9% de crescimento em 2018, desempenho dentro da nossa projeção inicial de 5% a 10%”, declarou Velloso.

Confiança do comércio recua 1,2 ponto em setembro ante agosto, revela FGV

26/09/2018 – Fonte: EM.com

O Índice de Confiança do Comércio (Icom) caiu 1,2 ponto na passagem de agosto para setembro, a 88,7 pontos, o menor nível desde agosto de 2017, informou na manhã desta quarta-feira, 26, a Fundação Getulio Vargas (FGV). Em médias móveis trimestrais, o indicador recuou 0,3 ponto.

“A nova queda da confiança do Comércio em setembro parece refletir a incerteza em relação ao ritmo esperado para a economia nos últimos meses do ano. O Índice de Expectativas voltou a cair depois de esboçar uma melhora no mês anterior, sugerindo que os empresários ainda estão preocupados e incertos com o rumo da economia. Já o índice que mede as percepções sobre a situação atual, ficou estável após quatro meses em queda, confirmando o ritmo vagaroso da recuperação do setor”, avaliou Rodolpho Tobler, coordenador da Sondagem do Comércio no Instituto Brasileiro de Economia da FGV (Ibre/FGV), em nota oficial.

Em setembro, houve piora da confiança em nove dos 13 segmentos pesquisados. O Índice de Expectativas (IE-COM) caiu 2,4 pontos, para 92,2 pontos, influenciado pela queda de 4,8 pontos no componente que mede a tendência dos negócios nos seis meses seguintes.

Já o Índice de Situação Atual (ISA-COM) ficou estável em 85,7 pontos, após quatro meses de perdas consecutivas. O item que avalia a percepção dos empresários com o volume da demanda no momento presente recuou 0,4 ponto, para 85,5 pontos, enquanto o componente que mede a situação atual dos negócios subiu 0,4 ponto, para 86,3 pontos.

Considerando a série trimestral com ajuste sazonal, a confiança do comércio registrou queda de 3,8 pontos no terceiro trimestre ante o segundo trimestre de 2018. No segundo trimestre ante o primeiro trimestre, houve recuo de 2,8 pontos. A sondagem não registrava dois trimestres consecutivos de quedas desde o fim de 2015.

“O recuo nos últimos dois trimestres teve influência da greve dos caminhoneiros, mas os últimos resultados sugerem que os empresários ainda não se recuperaram do baque e se tornaram menos confiantes na retomada do ritmo de crescimento vigente até a virada do ano”, apontou a FGV.

A coleta de dados para a edição de setembro da Sondagem do Comércio foi realizada entre os dias 3 e 24 do mês e obteve informações de 1.121 empresas.

Confiança do industrial do setor eletroeletrônico recua em setembro, diz Abinee

26/09/2018 – Fonte: Isto É Dinheiro (publicado em 25-09-2018)

A confiança do empresário industrial do setor eletroeletrônico recuou 2,4 pontos na passagem de agosto para setembro. Segundo dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI) agregados pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) caiu de 54,1 pontos em agosto para 51,7 pontos.

Apesar da queda, o ICEI do setor permanece acima 50 pontos, linha limite entre confiança e desconfiança. Apesar de ainda positivo, o indicador permanece abaixo do registrado nos primeiros meses deste ano, quando estava por volta de 60 pontos, e também 5,4 pontos abaixo do apontado em setembro do ano passado, quando o ICEI estava em 57,1 pontos.

“Diante do cenário de incertezas, por conta das eleições, essa oscilação é esperada pelo setor. Entretanto, o índice ainda demonstra sinais de confiança, o que é importante para a sequência do ano”, diz o presidente da Abinee, Humberto Barbato.

A redução do ICEI ocorreu tanto na área elétrica, que diminuiu de 53,7 para 50,9 pontos, como na área eletrônica, que caiu de 54,6 para 52,5 pontos, comparados ao mês imediatamente anterior. Nos dois casos, no entanto, os índices ficaram acima da linha de 50 pontos.

O ICEI varia de 0 a 100 pontos, sendo que valores acima de 50 pontos indicam confiança do empresário industrial e abaixo de 50 pontos mostram falta de confiança.

Faturamento da indústria de máquinas sobe 11,9% em agosto, diz Abimaq

26/09/2018 – Fonte: Isto É (publicado em 25-09-2018)

O faturamento da indústria nacional de máquinas e equipamentos alcançou R\$ 7,26 bilhões no mês passado, 11,9% a mais do que o montante registrado em agosto de 2017, informou nesta terça-feira, 25, a Abimaq, entidade que representa as empresas do setor. Na comparação com julho, a alta nas vendas dessa indústria, entre entregas ao mercado doméstico e exportações, foi de 6,4%.

O resultado leva para R\$ 49,7 bilhões o faturamento das fábricas de bens de capital mecânicos nos oito primeiros meses do ano, o que corresponde a um crescimento de 5,9% frente a igual período de 2017.

As exportações, que somaram US\$ 1,18 bilhão no mês passado, voltaram a ajudar no resultado, com altas de 41,6% no comparativo interanual e de 68,5% em relação a julho. Já as vendas domésticas apresentaram queda de 29,3% na comparação com agosto de 2017. Frente ao mês anterior, o recuo das vendas internas em agosto foi de 36,8%.

O consumo de máquinas e equipamentos no País, que inclui as importações e é um termômetro dos investimentos nas linhas de produção, subiu 7,8% se comparado a agosto de 2017, mas mostra queda de 17,2% na comparação com julho. As empresas brasileiras investiram R\$ 8,48 bilhões em máquinas e equipamentos em agosto deste ano. Dentro desse total, as importações subiram 19,8% na comparação com agosto de 2017, chegando a US\$ 1,31 bilhão. Frente a julho, as compras de máquinas importadas recuaram 6,1%.

O déficit comercial desse mercado – ou seja, a diferença entre o que o Brasil compra do exterior e exporta em máquinas e equipamentos – somou US\$ 127,5 milhões no mês passado, 50,7% abaixo do saldo negativo de um ano antes.

O balanço da Abimaq revela ainda que a utilização da capacidade instalada nessa indústria ficou estagnada em 76,6% na passagem de julho para agosto. Na mesma base comparativa, a mão de obra no setor mostrou alta de 0,6%. A indústria de máquinas terminou o mês passado empregando 299,9 mil pessoas.

Decreto permite terceirizar principais atividades de estatais, diz Anamatra

26/09/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Planejamento diz que vai listar atividades que poderão ser terceirizadas, de caráter auxiliar

Decreto publicado pelo governo do presidente Michel Temer nesta semana permitirá a terceirização das principais atividades de empresas estatais, segundo avaliação da Anamatra (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho).

O presidente da entidade, Guilherme Feliciano, critica o texto que traz regras de contratação de serviços terceirizados para as empresas públicas e sociedades de economia mista controladas pela União.

"Poderá ser terceirizada a gerência ou atividade de caixa em banco público. Também as atividades de engenharia em plataformas de petróleo poderiam, em tese, ser terceirizadas. Isso, até hoje, em princípio, não poderia", exemplificou.

A Anamatra divulgou nota nesta quarta-feira (26), na qual avalia que o decreto "ameaça a profissionalização no serviço público" e diz que abre caminho "para que as mais usuais práticas de terceirização possam virtualmente se dar em qualquer setor ou órgão dos serviços públicos federais".

No texto, a entidade reitera o entendimento de que as regras de terceirização trazidas pelas alterações nas leis no ano passado, no âmbito da reforma trabalhista, não se aplicam à administração pública direta.

Procurado para comentar o posicionamento dos juízes do trabalho, o Ministério do Planejamento disse que "nada que esteja relacionado aos planos de cargos dos órgãos e entidades poderá ser passível de terceirização, salvo cargos extintos". Esclareceu, ainda que um ato da pasta vai listar as atividades que poderão ser terceirizadas, que "serão sempre de caráter auxiliar, instrumental ou acessório", segundo a assessoria de imprensa da pasta.

O governo informou, ainda, que uma das diretrizes da medida é que a administração pública "contrate serviços e não mão-de-obra".

Na segunda-feira (24), quando foi publicado o decreto, o Ministério do Planejamento informou que a medida "uniformiza procedimentos na contratação de terceirizados" e que "determina padrões de qualidade na prestação dos serviços contratados".

O decreto prevê que não serão objeto de execução indireta na administração pública federal direta os serviços que envolvam tomada de decisão em áreas de planejamento, coordenação, supervisão e controle; que sejam considerados estratégicos; ou aqueles relacionados ao poder de polícia, regulação, outorga de serviços públicos e aplicação de sanção.

O texto, que entra em vigor em quatro meses, veda contratação de empresa cujo administrador ou sócio tenha parentesco com autoridades do órgão ou com funcionário

com cargo de confiança que atue na área responsável pela demanda ou pela contratação.

Maioria dos estados apoia reforma tributária, diz Bernard Appy

26/09/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Economista lidera proposta de reforma que cria imposto único sobre bens e serviços

O economista Bernard Appy disse nesta terça-feira (25) que a reforma tributária desenhada por ele tem hoje apoio da maioria dos estados da federação.

Em evento no CDPP (Centro de Debates de Políticas Públicas), Appy afirmou que 20 dos 26 estados (mais o Distrito Federal) ganhariam receita com as mudanças, conjunto que representa mais de 60% da população.

Appy lidera uma proposta de reforma tributária que cria um imposto único sobre bens e serviços, substituindo o que hoje é cobrado por ICMS, ISS, IPI, PIS e Confins por uma alíquota única de 25%, em um período de transição para a substituição de 10 anos. Com relação a receita dos estados, a transição é mais longa, de 50 anos.

Entre os estados mais refratários, segundo o diretor do CCIF (Centro de Cidadania Fiscal) e ex-Secretário de Política Econômica no governo Lula, o exemplo mais óbvio seria o Amazonas, em razão dos benefícios tributários da Zona Franca de Manaus. Goiás e Mato Grosso do Sul seriam outros exemplos.



Economista Bernard Appy defende a criação de imposto único sobre bens e serviços - Folhapress Folhapress

Boa parte dos secretários de Fazenda, no entanto, veriam a ideia com bons olhos, já que a principal preocupação —relativa a perda de receita com as mudanças— seria mitigada pelo período longo, de 50 anos de transição.

Appy disse ainda que manteve conversas com quatro dos cinco principais candidatos à presidência, com exceção de Jair Bolsonaro (PSL).

Segundo o economista, a reforma tributária é fundamental porque é sinônimo de alta da produtividade, mas ele reconheceu: “sem desmerecer a reforma da tributária, a reforma da Previdência é, no momento, mais importante.”

O economista participou de seminário de lançamento do e-book “Como escapar da armadilha do lento crescimento”, coordenado pelo economista e ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore.

‘Câmbio industrializante’ eleva exportações, diz Abimaq

26/09/2018 – Fonte: Isto É Dinheiro

Diante de números que mostram forte crescimento das exportações de bens de capital, o presidente do conselho de administração da Abimaq, João Carlos Marchesan, disse nesta terça-feira, 25, que País vive um período de “câmbio industrializante”.

Ao apresentar os resultados do setor em agosto, o executivo destacou que o câmbio, com o dólar novamente acima de R\$ 4,00, voltou a ser favorável às exportações, por permitir maior competitividade e rentabilidade dos produtos brasileiros no exterior, o que leva as empresas a buscarem mercados internacionais.

"Realmente, hoje vivemos um câmbio industrializante, que faz as empresas olharem o mercado externo como alternativa de investimento e não como uma opção para quando se precisa preencher capacidade ociosa", comentou o presidente da Abimaq.

Nos oito primeiros meses do ano, as exportações de máquinas e equipamentos produzidos no Brasil cresceram 18%, chegando perto de US\$ 7 bilhões, enquanto as vendas dessa indústria ao mercado doméstico recuaram 7,8%.

A expectativa da Abimaq é que as exportações, responsáveis por praticamente metade do faturamento da indústria de bens de capital mecânicos, alcancem US\$ 10,3 bilhões neste ano, acima dos cerca de US\$ 9 bilhões de 2017.

Segundo o diretor de competitividade da Abimaq, Mario Bernardini, a continuidade do crescimento das exportações dependerá de um câmbio competitivo, dada a tendência de o mercado internacional não seguir tão comprador num contexto de desaceleração de países emergentes, especialmente a China.

"O mercado externo não é mais aquela 'Brastemp'. É importante que o câmbio se mantenha competitivo. A demanda do mercado internacional não vai mais ajudar como neste ano", comentou Bernardini, acrescentando que, a despeito da maior volatilidade do período eleitoral, vê o dólar se acomodar ao redor de R\$ 4,00 no médio prazo.

Após quatro quedas seguidas, juros do cartão rotativo voltam a subir

26/09/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Taxa da categoria alcançou 274% ao ano, segundo o BC

Após quatro quedas consecutivas, a taxa de juros do cartão de crédito rotativo voltou a crescer em agosto, para 274% ao ano. Em julho, a taxa média foi de 271,4% ao ano, ou seja, no mês passado houve uma alta de 2,6 pontos percentuais. Os juros do cheque especial, segundo o BC, se mantiveram estáveis em 303,2% ao ano.

Esse crescimento ocorreu por causa da alta nos juros na modalidade não regular do cartão de crédito, em que os clientes deixam de quitar o percentual mínimo da fatura no vencimento.

A taxa média dessa categoria, que vinha caindo desde março, subiu de 285,2% ao ano para 291,3% ao ano, ou seja, um crescimento de 6,1 pontos percentuais. Já na modalidade regular, em que o mínimo da fatura é pago, houve uma queda nos juros, de 252,1% para 250,3% ao ano.

Apesar da alta de agosto, Fernando Rocha, chefe do Departamento de Estatísticas do BC, lembrou que a taxa está bem menor, em relação ao ano passado, e que a diferença entre a taxa regular e não regular vem diminuindo.

"Em março, a diferença entre as duas taxas era 137 pontos, agora, neste mês, essa diferença é de 40 pontos", disse. "Essas são operações para fundos emergenciais, e que não devem ser utilizadas como princípio de educação financeira", lembrou Rocha.

A taxa de juros média para consumidores que inclui todas as categorias (com exceção de financiamentos imobiliários, BNDES e crédito rural) permaneceu quase estável, em 51,8% ao ano (havia sido de 52% em julho).



Em julho, a taxa média de juros do cartão de crédito rotativo foi de 271,4% ao ano - Elise Amendola/AP

No caso de empresas, também houve uma leve queda, de 20,6% para 20,4% ao ano. A inadimplência dos consumidores também se manteve estável em 5%. No caso de empresas, o calote de mais de 90 dias se manteve quase no mesmo patamar, se reduzindo de 3,4% para 3,3%.

Nos últimos meses, a inadimplência vem recuando mês a mês e se mantém no patamar mais baixo da série histórica, iniciada em março de 2011.

"Isso se deve à retomada da atividade e ao desempenho do setor bancário, que vem gerenciando as operações de crédito", afirmou Rocha.

Segundo ele, esse gerenciamento pelas instituições financeiras é tanto antes do empréstimo, avaliando se a linha é adequada ao cliente, como depois, com o oferecimento de uma outra opção de crédito em caso de atrasos no pagamento.

O spread médio de consumidores e empresas (diferença entre o que os bancos pagam para captar recursos e o que cobram na ponta) recuou de 29,4 pontos percentuais para 28,9.

ESTOQUE DE CRÉDITO

O estoque de crédito no sistema financeiro, ou seja, tudo o que está emprestado, teve crescimento de 1% em agosto sobre julho, consequência da desvalorização do real.

"O saldo cresceu por causa da desvalorização cambial ocorrida em agosto. Há algumas modalidades, como financiamento às exportações e algumas modalidades de empréstimo do BNDES, que são afetadas pelo câmbio", afirmou Rocha.

De acordo com ele, sem considerar-se o efeito da valorização do dólar, o estoque de crédito observado seria cerca de R\$ 10 bilhões menor.

EMPRESAS

Rocha destacou o crescimento de algumas operações de crédito a empresas, como desconto de duplicatas, cujo estoque teve alta de 2% em relação a julho e de 39% na comparação com agosto do ano passado.

As operações de capital de giro também tiveram alta em seus saldos, com crescimento de 0,7% no caso das operações abaixo de 365 dias.

Trabalhadores têm segundo mês sem reajuste real

26/09/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Agosto foi o segundo mês consecutivo em que o trabalhador não conseguiu reajuste salarial real, isto é, acima da inflação, em negociações coletivas.

O reajuste mediano no mês passado foi de 3,6%, exatamente igual ao INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) acumulado em 12 meses, apontam dados do Salariômetro da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas).

"O último aumento real foi em junho. A partir daí, a inflação deu um salto e, como a crise continua, as empresas não conseguem absorver esse aumento nos custos e fica difícil para elas dar aumento real", explica Hélio Zylberstajn, professor da FEA-USP e coordenador do Salariômetro.

Zylberstajn observa que as últimas projeções da pesquisa Focus do Banco Central mantêm a perspectiva de um INPC acumulado em 12 meses mais perto de 4% nos próximos meses. "Se a inflação não ceder, não há muito espaço para aumentos reais", afirma.

Além do reajuste, que é a cláusula mais debatida no ano até agosto, representando 53,4% das negociações, e do piso salarial (48,9% das negociações), a pesquisa mostra o peso de articulações pela contribuição a sindicatos de trabalhadores: representaram 40,7% do total das negociações no ano.

"Isso é impacto da reforma trabalhista. A contribuição é mais negociada que adicional por hora extra, por exemplo", diz o professor.

O imposto sindical tornou-se facultativo após mudanças na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) a partir de novembro do ano passado. Mas foi apenas em junho deste ano que o STF (Supremo Tribunal Federal) bateu o martelo e validou o fim do recolhimento obrigatório.

Segundo a Fipe, aos poucos, o fluxo de negociações salariais fechadas volta ao normal. No ano até agosto, acordos e convenções somavam 15.074, 30% abaixo do nível de 2017. Essa diferença, no entanto, já chegou a superar 70%, no acumulado até maio, por exemplo.

"Parece que empresas e trabalhadores estão conseguindo resolver suas questões, principalmente em relação à contribuição sindical", afirma Zylberstajn.

Das contribuições acertadas no ano, quase 29% são negociais --modalidade em que o valor é acertado no fechamento de acordos coletivos.

"Os números indicam que os sindicatos estão conseguindo concessões das empresas para colocar cláusulas que dão a eles essas contribuições", observa Zylberstajn.

Reportagem da **Folha** em junho mostrou que a vice-presidência do TST (Tribunal Superior do Trabalho) vinha estimulando, em acordos coletivos, sindicatos e empresas a imporem o desconto de meio dia da jornada dos trabalhadores como uma alternativa para irrigar o caixa de entidades de representação de categorias.

A chamada cota negocial foi criada em acordo coletivo da Vale e do STEFEM (Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias dos Estados do Maranhão, Pará e Tocantins).

Goodyear fornece pneus para o Audi E-Tron

26/09/2018 – Fonte: Automotive Business



Primeiro carro elétrico da marca alemã é equipado com o Eagle Asymmetric

O utilitário esportivo Audi **E-Tron**, primeiro carro elétrico da montadora alemã (leia **aqui**), sairá de sua fábrica na Bélgica equipado com pneus **Goodyear** Eagle F1

Asymmetric 3 SUV. Eles cumprem os requisitos de quilometragem da fabricante, já que motores elétricos são capazes de liberar seu torque máximo a partir de zero rotação por minuto, aumentando o desgaste dos pneus em 25%.

De acordo com a Goodyear foi possível atender às demandas da Audi por causa de características aplicadas na construção do pneu. Como exemplo, a tecnologia Active Braking consegue encurtar as distâncias de parada tanto em piso seco como molhado a partir de 1,2 metro.

Ainda de acordo com a Goodyear, o pneu recebe uma camada de amortecimento a frio UHP, que melhora a dirigibilidade e reduz a resistência ao rolamento. Outra tecnologia aplicada é o SoundComfort, que diminui pela metade o ruído de rolamento do pneu no interior do carro. Este é um ponto essencial em carros elétricos, muito mais silenciosos que os convencionais por não haver os ruídos de aspiração de ar, da combustão interna ou do escape.

Balança de autopeças acumula déficit de US\$ 4,5 bilhões

26/09/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 25-09-2018)



Análise isolada de agosto mostra queda de quase 15% nas exportações para a Argentina

A **balança** comercial de **autopeças** atingiu déficit de US\$ 4,5 bilhões no acumulado até agosto, valor 22,4% mais alto que o registrado no mesmo período de 2017. As exportações totalizaram US\$ 5,2 bilhões e cresceram 9,3%, mas ficaram muito abaixo das importações (US\$ 9,7 bilhões e alta de 15%), puxadas pelo crescimento da produção nacional de veículos. Os números foram divulgados pelo Sindipeças, entidade que reúne os fabricantes de componentes. [aqui](#)

Chama a atenção na análise de agosto a retração de 14,8% nas exportações para a Argentina na comparação com o mesmo mês do ano passado. No acumulado do ano os embarques ao país vizinho cresceram apenas 3,7%, somando US\$ 1,5 bilhão. A Argentina é o principal parceiro do Brasil e certamente vai aprofundar o déficit da balança de autopeças.

Para outros importantes mercados, os embarques acumulam alta. De janeiro a agosto o Brasil enviou US\$ 929,6 milhões aos Estados Unidos (acréscimo de 17,7%), US\$ 614,9 milhões ao México (aumento 46,2%) e US\$ 365,1 à Alemanha (crescimento de 16,6%).

No caminho oposto, a China permanece como o maior provedor de autopeças para o Brasil. Forneceu US\$ 1,24 bilhão no acumulado dos oito meses, 24,8% a mais na comparação interanual. Sozinha ela responde por quase 13% de tudo o que o Brasil importa em autopeças.

A Alemanha se mantém firme na segunda posição, com US\$ 1,16 bilhão em itens fornecidos, 33% a mais que no mesmo período de 2017. Dos 20 maiores fornecedores de autopeças ao Brasil, somente três países registraram queda no acumulado do ano: Coreia do Sul (-11,3%), França (-25,2%) e República Tcheca (-5,4%).

Iveco oferece linha de crédito do BNDES focada em produtor rural médio

26/09/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 25-09-2018)

A **Iveco** está oferecendo a linha de **crédito** Pronamp (Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural), do BNDES, por meio do Banco CNH, a fim de facilitar a compra dos modelos Daily, Tector e Hi-Way para este perfil de cliente. Com juros de 6% ao ano, índice abaixo da média do mercado, a linha financia até 90% do valor do veículo, limitado a R\$ 430 mil por beneficiário/por ano agrícola.

Destinada a produtores rurais, seja pessoa física ou jurídica, a linha limita o crédito para produtores com ROB de até R\$ 2 milhões e que explorem a terra na condição de proprietário, posseiro, arrendatário ou parceiro. Os planos de financiamento para os caminhões Iveco vão até oito anos e carência de 3 anos (18 meses).



“Temos do nosso lado o Banco CNH Industrial, que é o único banco de montadora de caminhões que pode fazer esse financiamento, já que possui mais de 50% de clientes agrícolas em sua carteira, resultado das vendas de produtos das linhas Case e New Holland”, afirma o diretor de marketing e vendas da Iveco para a América Latina, Ricardo Barion. “Os modelos Daily, Tector e Hi-Way podem, facilmente, atender as demandas do campo com baixo custo de manutenção e economia de combustível”, finaliza Barion.

“Além da taxa de juros a 6% ao ano, na linha Pronamp, produtores rurais adquirem veículos com prazo de financiamento de até oito anos”, complementa a responsável comercial do Banco CNH Industrial para a marca Iveco, Fernanda Baltazar.

A Daily começa na faixa das 3,5 toneladas, também com opções nas categorias de 4,5, 5,5 e 7 toneladas e funciona como VUC (Veículo Urbano de Carga), sendo capaz de circular dentro de zonas de restrição nos grandes centros urbanos. Por sua vez, o Tector, que agora conta com câmbio automatizado de dez velocidades Auto Shift, atua na faixa entre os médios e semipesados. Já o pesado Hi-Way é indicado para médias e longas distâncias.

Automação de veículos comerciais avança no IAA 2018

26/09/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 25-09-2018)



Sensores, radares e câmeras por todos os lados; computadores de bordo que tudo sabem e tudo veem; acionadores mecâtrônicos de freios, acelerador, câmbio e direção.

Em maior ou menor grau, as **tecnologias de automação** foram assimiladas pela maioria dos **veículos comerciais apresentados este ano no Salão de Hannover**, na Alemanha (o IAA Nutzfahrzeuge 2018, de 20 a 27 de setembro).

Em compasso ritmado com eletrificação e conectividade, os sistemas de assistência avançada ao motorista e propostas de condução autônoma seguem rota ascendente e rápida nos caminhões, ônibus e vans exibidos no evento, deixando a abstração dos modelos conceituais para a realidade de ruas e estradas.

"Há dois anos, no último IAA" Há dois anos, no último IAA, 80% das tecnologias exibidas aqui estavam em desenvolvimento, hoje 90% estão prontas para uso", resume Wilson Bricio, presidente da ZF América do Sul.

A ZF não fabrica veículos comerciais, mas fornece grande parte das tecnologias de automação introduzidas neles. No IAA, exibiu no pátio externo uma van que segue seu motorista de forma autônoma enquanto ele entrega uma encomenda, além de um cavalo mecânico que encontra sozinho a carreta que deverá puxar e se conecta a ela automaticamente na doca do armazém, sem interferência do motorista, tudo programado na plataforma aberta de conectividade a empresa alemã, a Openmatics.



Van que segue o entregador e caminhão que encontra sua carreta na doca sem interferência do motorista: propostas de condução autônoma da ZF

No estande da Hannover Messe, entre várias tecnologias de sua estratégia cibernética "Ver, Pensar e Agir", a ZF mostrou sensores, processadores e atuadores. O mais recente exemplo prático dessa estratégia é o sistema de assistência lateral, o "Side Vision Assist", que virtualmente elimina os pontos cegos no retrovisor por meio da aplicação de câmeras e radares nas laterais do veículo, que não só alertam o motorista sobre a presença de pedestres ou ciclistas como também ativam automaticamente os freios para evitar acidentes – em mais um elemento da proposta de fusão de sensores que geram dados interpretados por inteligência artificial para ativar funções.

A tecnologia já está começando a ser usada na prática por alguns fabricantes de caminhões e ônibus na Europa.



Side Vision Assist da ZF evita acidentes com pedestres e ciclistas em pontos cegos do veículo

Na mesma linha, a Wabco trouxe ao IAA versão evoluída de seu OnGuard, que está sendo adotado por caminhões Iveco na Europa. Por meio de radar, o sistema ativa frenagem automática e é capaz de fazer o caminhão desviar de uma colisão iminente, em qualquer condição de visibilidade.

A empresa anunciou durante o IAA que está desenvolvendo a Adopt, uma plataforma aberta de direção autônoma para ser adotada no futuro por qualquer veículo comercial. Para isso a Wabco anunciou parcerias importantes com a Valeo, para agregar sensores de última geração ao seu sistema de segurança, e com a gigante chinesa de tecnologia Baidu, para desenvolver programa avançado de gerenciamento de direção autônoma (leia mais [aqui](#)).

“É uma questão evolutiva, em mais alguns anos à frente o veículo autônomo será algo tão natural quanto um câmbio automático ou uma câmera de ré, por meio da integração de todos os sistemas”, pontua Reynaldo Contreira, diretor presidente da Wabco América do Sul.

A Bosch trafega em rota parecida. No IAA, mostrou câmeras para substituir os espelhos retrovisores que estará em diversos modelos de caminhões já no ano que vem – eliminam pontos cegos e poderão fornecer dados importantes integrados a sistemas de assistência lateral.

Também estavam lá sistemas de frenagem autônoma e de assistência à condução em faixa de rodagem. E a empresa revelou que no começo de 2019 entra em produção comercial o seu sistema preditivo de “horizonte eletrônico”, que antecipa ao caminhão o caminho à frente para adotar as estratégias mais econômicas de aceleração, frenagem e roca de marchas.

DO LABORATÓRIO ÀS RUAS E ESTRADAS

Duas edições atrás do IAA, em 2014, a Mercedes-Benz apresentou o protótipo de seu primeiro caminhão 100% autônomo, o Future Truck 2022, baseado em um cavalo mecânico extrapesado Actros equipado com dúzias de tecnologias para que o motorista não precisasse fazer nada além de programar o caminhão para rodar de um ponto a outro. Quatro anos depois, e bem antes de 2022 (como sugeria o nome), algumas dessas tecnologias já migraram para a mais nova versão do Actros 2019, lançado no Salão de Hannover.



O novo Mercedes-Benz Actros apresentado em Hannover: tecnologia autônomas herdadas do protótipo Future Truck exibido no IAA quatro anos atrás, como a substituição dos espelhos retrovisores em câmeras

Com isso, o novo Actros já pode ser chamado de veículo autônomo nível 2, com direção parcialmente automatizada, em que o motorista ainda está no controle, mas o veículo já executa diversas operações automaticamente. Para isso, segundo a Mercedes, algo como 60 novos dispositivos inteligentes foram incorporados ao veículo. Das tecnologias assimiladas do Future Truck, quatro fazem sua estreia mundial no Actros 2019, a começar pelo Multimedia Cockpit, conjunto de dois monitores que informam todas as funções do caminhão.

"O Actros já parece mais um smartphone sobre rodas, o Multimedia Cockpit integra GPS, sistemas de assistência, telefonia e conexão com o gestor da frota; é um salto quântico de tecnologia", define Stefan Buchner, CEO da Mercedes-Benz Trucks.

Outra estreia tecnológica mundial é o Active Drive Assist, sistema que assume a direção de forma parcial (o motorista pode interferir a qualquer momento) em rotas longas e aborrecidas, mantendo o caminhão em sua faixa de rodagem a velocidade constante, freando no caso de algum veículo ser detectado pelo radar à frente.

Por falar em frenagem automática, o Active Brake Assist 5 já opera em conjunto com o Side Guard (assistência lateral) e executa a parada total caso um pedestre ou ciclista seja detectado adiante ou ao lado. Por fim, assim como no Future Truck, os espelhos retrovisores do novo Actros foram substituídos por câmeras, que além de eliminar pontos cegos, ajudam na economia ao reduzir o arrasto aerodinâmico do veículo.

ABSTRAÇÕES REALISTAS

Apesar de o futuro já estar sendo realizado no presente, a visão de mais longo prazo também esteve presente no IAA 2018, mas são abstrações realistas, que parecem factíveis em mais uma década. A aposta da Mercedes-Benz nesse intervalo de tempo é a van conceitual Vision Urbanetic, elétrica e 100% autônoma, com um chassi e algumas carrocerias intercambiáveis, usadas de acordo com a necessidade.



A van conceitual elétrica e autônoma Mercedes-Benz Vision Urbanetic pode vestir carroceria para carga ou passageiros

O conceito futurista é o de uma van autônoma que pela manhã e tarde faz trajetos com uma carroceria de passageiros para atender pessoas que programaram o serviço para ir ao trabalho e de volta para casa. No intervalo entre uma função e outra, a Urbanetic vai a um outro ponto de "muda de roupa", assume a forma de furgão e começa a entregar encomendas pela cidade.

Com as rodas mais no chão, mas com aspecto não menos futurista, a Volvo trouxe ao IAA o Vera, um cavalo mecânico autônomo, elétrico e sem cabine, com apenas 1,5 metro de altura, equipado com câmeras, radar e lidar (scanner infravermelho).

É a proposta da marca sueca para o tráfego de veículos autônomos em trechos curtos de ambientes confinados, como centros logísticos de carga. No caso, o Vera foi desenhado para uso dentro de docas de portos, por exemplo, com autonomia de 100 km, fazendo o transporte interno de contêineres em velocidades de até 40 km/h.



Volvo Vera: cavalo mecânico elétrico, autônomo e sem cabine, para operar em ambientes confinados, como em portos no transporte de contêineres E NO BRASIL?

A janela para o futuro aberta pelo IAA sempre motiva uma pergunta recorrente: os veículos comerciais no Brasil vão participar dessa evolução tecnológica? A resposta da maioria dos executivos é "sim, mas com atraso de pelo menos uma geração de produto", devido especialmente às questões estruturais desfavoráveis no País.

"Nossos clientes se preocupam muito mais com a confiabilidade e robustez dos veículos e garantia de manutenção rápida e eficiente do que com tecnologia, mas boa parte do que vemos aqui poderá no futuro próximo ser aplicada ao mercado brasileiro", afirma Philipp Schiemer, presidente da Mercedes-Benz do Brasil.

Essa evolução depende essencialmente de dois fatores: custos (ou da possibilidade de redução deles) e da legislação do País. "Quando entrar em vigor o Euro 6 no Brasil, previsto para 2023, muitos caminhões e ônibus vão incorporar diversas tecnologias que estão sendo mostradas aqui no IAA", aponta Reynaldo Contreira, da Wabco.

Usar tecnologia para reduzir custos operacionais é o melhor estímulo para adotá-la rápido. É o caso de caminhões autônomos usados na colheita de cana-de-açúcar no Brasil, já entregues a clientes por Volvo e Mercedes (leia mais [aqui](#)). As duas iniciativas são adaptações da tecnologia de direção autônoma para circulação nos ambientes confinados dos canaviais. Por isso foram citadas por ambos os fabricantes no IAA, mas como são soluções regionais os caminhões não foram exibidos no salão.

É uma questão de tempo e paciência, mas o futuro sempre chega – primeiro nos salões dos países desenvolvidos.

LogiGo terá sistema multimídia com inteligência artificial no Brasil

26/09/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 25-09-2018)



Tecnologia Disruptive está em desenvolvimento e deve ser lançada nos próximos meses

A **LogiGo**, empresa brasileira especializada em conectividade para o setor automotivo, está desenvolvendo uma nova solução baseada em **inteligência artificial** para a nova versão de seu sistema multimídia Disruptive. Segundo a empresa, a novidade, que está em fase de desenvolvimento, deve chegar ao mercado nos próximos meses e será o primeiro sistema multimídia do País com tecnologia IA.

O CEO da LogiGo, Antonio Azevedo, explica que a solução permitirá aos motoristas contar com um assistente virtual capaz de acionar funcionalidades na central, bem como sugerir serviços ou mesmo antecipar mudanças.

A plataforma atual do Disruptive, lançada recentemente no mercado da América Latina, incluindo o Brasil, já é a primeira do mercado a permitir que o usuário tenha no carro seus aplicativos, assim como no smartphone, o que possibilita maior interação por meio do veículo.

A tecnologia, que tem compatibilidade com sistemas iOS e Android, também dispõe dos sistemas Android Auto e Carplay, de Google e Apple, respectivamente. O sistema permite ainda navegação e utilização dos aplicativos sem a necessidade de conectar o celular à entrada USB do carro. Para que a tecnologia funcione, basta utilizar a rede de dados do smartphone ou até mesmo um chip 3G com roteador próprio para o veículo.

“A nossa solução é diferenciada pois traz os aplicativos integrados ao sistema. Ou seja, ele não vai espelhar o celular do usuário, mas sim possibilitar que o condutor tenha no veículo um componente com todos os seus aplicativos disponíveis”, comenta Azevedo.

Por meio da plataforma, Azevedo reforça que a montadora consegue oferecer os aplicativos que desejar pelo mecanismo OTA (over the air). “Todas essas funcionalidades são possíveis a partir de nossa parceria com o Google, que vem desde 2015. Utilizamos o Android para criar um sistema nosso, oferecendo muito mais conectividade aos usuários”, acrescenta o executivo.

O Disruptive também oferece interatividade com a montadora: possui um canal de comunicação direto entre o condutor e a fabricante do veículo, no qual é possível alertar o dono do carro sobre a necessidade de uma revisão, entre outras opções, como receber promoções personalizadas e demandas por serviços.

Ducati agiliza entrega de peças em 80% no Brasil

26/09/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 25-09-2018)



Centro de distribuição de peças da Ducati em Cajamar (SP) eleva agilidade das entregas no Brasil Desempenho é resultado de um ano de funcionamento do centro de distribuição em São Paulo

A **Ducati**, marca premium de motocicletas, comemora o desempenho alcançado no mercado de reposição no Brasil com seu centro de distribuição e estoque de **peças**, que está completando um ano de funcionamento. Instalada na cidade de Cajamar, região metropolitana da capital paulista, a unidade tem capacidade para estocar mais de 30 mil peças e abastece os clientes da marca em todo o País.

Segundo o gerente de pós-venda da Ducati no Brasil, Volney Macchini, o CD permitiu à marca melhorar sua agilidade de entrega de peças em 80%.

“Atualmente é possível atender os pedidos de peças em até dois dias. Isto vale para 80% dos pedidos recebidos”, afirma.

Os demais 20% dos pedidos são despachados via matriz, na Itália, onde inaugurou um novo centro logístico em Bolonha há pouco mais de três meses.

No Brasil, além de agilizar as entregas, a Ducati também está ampliando sua rede de atendimento no País, com novos pontos de serviço, que são oficinas credenciadas. Hoje a empresa conta com estas unidades nas cidades de Recife (PE), Rio de Janeiro, Caxias do Sul (RS), Cascavel (PR). A próxima será aberta em Salvador (BA).

“Nosso foco é ampliar o atendimento aos clientes em diversas localidades pelo Brasil. Entre concessionárias e pontos de serviços, seremos treze pontos de atendimento até o fim deste ano. E para 2019 devemos abrir também no estado também do Mato Grosso”, destaca Volney.



Randon contrata novo CFO para reforçar governança corporativa

26/09/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado em 25-09-2018)



Paulo Prignolato chega como CFO para reforçar a governança das Empresas Randon

Paulo Prignolato assumirá o cargo no lugar de Daniel Randon, que continua como vice-presidente de administração

Em 2 de outubro, Paulo Prignolato assumirá o cargo de **CFO** das Empresas **Randon** no lugar de Daniel Randon, vice-presidente de administração e que acumulava a área de **finanças**. A medida, anunciada pelo presidente da companhia, David Abramo Randon, visa o aprimoramento da governança corporativa a fim de fortalecer a estrutura da companhia em sua estratégia de internacionalização.

Prignolato se reportará diretamente ao presidente David Randon e também fará parte do comitê executivo, formado pelo próprio presidente, seu vice, Daniel Randon, além dos COOs para a divisão montadora, Alexandre Gazzi, e da divisão de autopeças, Sérgio de Carvalho. O diretor de finanças e relações com investidores, Geraldo Santa Catharina, e o diretor de controlaria, Jaime Marchet, passam a se reportar a Prignolato, mantendo suas responsabilidades atuais.

Por sua vez, Daniel Randon continua na vice-presidência e respondendo pelas áreas de recursos humanos, compras, centro de serviços compartilhados, tecnologia da informação e a área de serviços financeiros, integrada pelo Banco Randon e pela Randon Consórcios.

Aos 54 anos, Prignolato possui mais de 30 anos de trajetória na área de finanças, controladoria e relações com investidores. Atuou também no exterior como controller financeiro e em projetos de fusões e aquisições. Por 10 anos, ocupou diferentes posições executivas na Confab Industrial antes de integrar o Grupo Votorantim. Recentemente, trabalhava como diretor financeiro e de relações com investidores da Biosev.

É graduado em Engenharia Metalúrgica pela Escola de Engenharia Mauá, com pós-graduação em Administração de Empresas pela Fundação Vanzolini, MBA em Finanças pelo IBMEC e formações complementares pela Harvard University, Kellogg School of Management e IMD.